

“Sião dizia: ‘o Senhor abandonou-me, o Senhor esqueceu-se de mim’”, ouvíamos nós, hoje, na primeira leitura, do Livro do Profeta Isaías.

Segundo a tradição da Palestina, um marido que repudiasse a sua esposa não poderia voltar a viver com ela; por outro lado, o filho que fosse expulso da casa dos pais também não poderia ser readmitido no seio da família.

Lá longe, no desterro, em Babilónia, o povo de Deus sente-se como uma esposa abandonada ou como um filho expulso da casa do pai. O povo tem consciência que cometeu pecados em excesso, que se desviou dos caminhos da rectidão e da verdade. Este povo não nega que mergulhou numa profunda crise moral. É neste contexto que surge o grito lancinante: “o Senhor abandonou-me, o Senhor esqueceu-se de mim”.

Fernando Santos, director-adjunto do Jornal de Notícias, publicou no dia 28 de Janeiro (2014), na pág. 16, um artigo intitulado “O escaravelho da crise moral”, do qual eu respigo hoje para nossa reflexão três parágrafos:

A crise económica – e, por arrasto, a social – está a remeter uma porção substancial de portugueses para um gueto de pobreza. Floresce entretanto a crise de valores, e não apenas patente nas patéticas do momento – o efeito manada das imbecilidades das praxes e o esmagamento das audiências televisivas pelo maior telelixo alguma vez emitido em Portugal – o “Casa dos Segredos, desafio final 2”, maná de audiências para a TVI sedimentado na falta de escrúpulos e graças ao mais reles grupo de analfabetos alguma vez junto na pantalha, para gáudio de uma legião de fãs da ordinarice e paizinhos ululantes de orgulho por terem dado à luz descendentes tão mal educados. Sim, vale a pena assistir a tanta ordinarice por metro quadrado para se ter consciência de como não se deve ser.

Sem reticências: a crise moral está para as relações humanas no país como a doença do escaravelho para as palmeiras: alastra, corrói e tem tudo para matar, pelo menos a esperança de um melhor futuro.

Os comportamentos nas praxes ou no reality show são paradigmáticos de um dia a dia feito, na rua de cada um de nós, de exemplos flagrantes da mais abominável falta de respeito pelo ser humano. São casos comezinhos, sim, mas muito preocupantes.

A grande crise geradora de tantas das desgraças que nos afligem é efectivamente esta: uma CRISE MORAL. Uma crise de valores. E, ao falar de valores, refiro-me apenas aos mais elementares valores humanos. Deixo de fora os valores cristãos. É que, neste campo, a única coisa que podemos dizer é que “o rei vai nu”. Nu. Completamente nu e enregelado!

É a CRISE MORAL que origina:

- O desrespeito para com os mais velhos, maltratados e roubados pelos filhos e pelos netos.

- O mais absoluto desrespeito pela vida humana.

- O enriquecimento ilícito de uns poucos à custa de tanto e tanto sofrimento dos mais débeis e fragilizados.

- O total desmoronamento de uma respeitável instituição chamada FAMÍLIA.

- Foi, não só mas também, uma profunda crise moral que fez do nosso país aquilo que ele hoje é: um montão de tendas desmanteladas em final de dia de feira.

Diante De todo este amontoado de escombros, os mais supersticiosos, que têm dois Deus, exclamam: “foi o destino!”, ou então, “nasceu com este destino, e ao destino ninguém foge...” Por seu lado, as almas mais seráficas exclamam “Deus quer assim”. Por outro lado, os mais revoltados perguntam: “onde está Deus?”

Hoje, como no tempo do profeta Isaías, abundam nesta agitada sociedade os que gritam: “O Senhor abandonou-me, o Senhor esqueceu-se de mim”. Todos nós corremos o risco de medir o coração de Deus pelo nosso. Aplicamos-lhe os nossos sentimentos, a nossa lógica, a nossa justiça. E, muitas vezes, convencemo-nos de que estamos a adorar a Deus quando, a triste e crua realidade é esta: estamos prostrados diante de um ídolo, criado pelos nossos pensamentos.

Na segunda parte do texto do Evangelho que hoje escutamos, o apelo que Jesus nos faz é este: “Não fiquéis aflitos! Não vos inquieteis”... Numa palavra, é-nos recomendado que não nos deixemos levar pela angústia. A preocupação no tocante à resolução dos problemas da vida não nos deve fazer perder a alegria de viver.

*Num dos filmes de Jean-Luc Godard, um dos personagens afirma: **“Hoje vive-se a vida em fragmentos”**. Privilegia-se o momento presente. Valoriza-se a cultura do provisório. Aplauda-se o efémero e o descartável. Daí a dificuldade em assumir compromissos. Por isso, na primeira parte do texto do Evangelho deste domingo, Jesus faz-nos esta advertência: “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há-de amar um e odiar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro”. Se trilharmos este caminho, então certamente poderemos, com verdade e autenticidade, cantar com o redactor do salmo 61: “só em Deus descansa, ó minha alma”.*